



## **A outra face do empreendedorismo feminino**

Lessiany Andrade Guimarães Azevedo<sup>1\*</sup>; Bianca Lopes Pinto<sup>2</sup>; Filliph Machado Santos da Silva<sup>3</sup>; Jones da Silva Machado Júnior<sup>4</sup>; Rebeca Brasil Fonseca Vieira<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> *Licencianda em Geografia - Instituto Federal Fluminense campus Centro*

<sup>2</sup> *Licencianda em Geografia - Instituto Federal Fluminense campus Centro*

<sup>3</sup> *Licenciando em Geografia - Instituto Federal Fluminense campus Centro*

<sup>4</sup> *Licenciando em Geografia - Instituto Federal Fluminense campus Centro*

<sup>5</sup> *Licencianda em Geografia - Instituto Federal Fluminense campus Centro*

*\*lessianygeo@gmail.com*

### **Resumo**

A entrada da mulher no mercado de trabalho é recente no tempo histórico, sendo resultado de diversos movimentos de luta pelo direito das mulheres. No entanto, a desigualdade de gênero no mercado de trabalho ainda é presente e as mulheres enfrentam diversos desafios. Essas barreiras fazem com que diversas mulheres optem pelo caminho do empreendedorismo, que é apresentado como uma forma de independência e ascensão social. O presente trabalho tem como objetivo abordar o empreendedorismo feminino no Brasil a partir da precarização do trabalho e desemprego, caracterizando o empreendedorismo por necessidade. Foram analisados dados sobre o cenário empreendedor para mulheres em escala nacional assim como dados relacionados ao mercado de trabalho de forma geral. Ao final foi possível observar que o empreendedorismo é uma possibilidade de autonomia e empoderamento feminino frente as condições apresentadas na conjuntura atual, no entanto ele ainda reflete diversas desigualdades para esse grupo social.

**Palavras-Chave:** Empreendedorismo. Mercado de Trabalho. Mulheres.

### **Introdução**

A inserção e expansão das mulheres no mercado de trabalho tem ganho relevância nos estudos acadêmicos recentes como resultado dos movimentos de resistência e dos novos desafios apresentados. Verifica-se que nas últimas décadas a porcentagem de mulheres economicamente ativas têm aumentado gradativamente e isso se deve, entre outros fatores, pelo impulsionamento dos movimentos políticos



e sociais ocorridos no mundo a partir da década de 1960. Além disso, a estagnação econômica, a elevação da inflação e as mudanças na estrutura de emprego estabelecidas pelo Brasil na década de 1980 contribuíram para a participação da mulher no mercado de trabalho.

Assim, observa-se que esses movimentos conduziram mudanças nos padrões culturais e econômicos da época, possibilitando o acesso mais ampliado da escolarização às mulheres e a participação direta no mercado de trabalho. Essa “feminização” também ocasionou a queda da taxa de fecundidade devido à adoção de diferentes métodos contraceptivos, além de outras mudanças sociais e políticas (BRUSCHINI; LOMBARDI, 1996 apud MAIA, 2020).

A internacionalização da economia brasileira nesse período impactou as relações de trabalho uma vez que as práticas adotadas pela nova política econômica resultou na precarização do trabalho, redução de direitos e evidenciou a disparidade salarial entre homens e mulheres. Assim, ainda que as mulheres estejam ocupando cada vez mais espaço nos setores dominados predominantemente por homens, a desigualdade de gênero enraizada nas relações de trabalho é bastante visível. O relatório "*When Woman Thrive*" relata que 40% da força do mercado de trabalho no mundo é do sexo feminino, todavia apenas 29% dessas mulheres ocupam as vagas sênior e 23% são executivas. A liderança feminina com voz ativa no setor empresarial brasileiro possui um número reduzido (STARTSE, 2020).

Nessa perspectiva, vale ressaltar o papel da mulher como empreendedora prática, essa que faz do Brasil um dos países que possuem o maior número de mulheres empreendedoras no mundo, ocupando o sétimo lugar na lista de países com maior número de mulheres entre os empreendedores iniciais. No entanto, destaca-se que empresas fundadas por mulheres apesar de crescerem de maneira significativa encontram obstáculos. Além disso, as mulheres brasileiras fazem parte do grupo que, apesar de alcançar o maior índice de grau de escolaridade, encontra-se na base da pirâmide no que tange aos recursos financeiros que são destinados por sua atuação profissional. Assim, o intuito deste presente trabalho é entender a maneira que a precarização do trabalho feminino aliado ao desemprego tem impulsionado o empreendedorismo por necessidade.

## **Metodologia ou Materiais e Métodos**

O trabalho foi desenvolvido através de uma análise conceitual sobre o empreendedorismo feminino em relação aos dados apresentados por relatórios, como do SEBRAE (2017), e notícias de *websites* que apontam essa realidade em território nacional.

## **Resultados e discussão**



O empreendedorismo feminino possui relação estreita com a independência e sustentabilidade financeira uma vez que a desigualdade de gênero limita e exclui as mulheres no mercado de trabalho. Dessa forma, o trabalho por conta própria torna-se uma opção viável para conquistar essa autonomia e enfrentar as barreiras de gênero ainda existentes (FRANCO, 2014). Sabe-se que o empreendedorismo feminino aumentou significativamente no Brasil nos últimos anos apesar dos desafios que as mulheres encontram no mercado de trabalho. Elas correspondem a 48% dos microempreendedores individuais, ou seja, representam quase metade desse segmento. No entanto, a transformação dessas mulheres empreendedoras para donas de negócio é 40% mais baixa em relação aos homens evidenciando a instabilidade que as mulheres enfrentam nesse segmento.

Elas encontram no empreendedorismo uma maneira de independência e inserção no mercado de trabalho, todavia a desigualdade também se manifesta nesse meio na medida que as donas de negócio ganham 22% a menos que os homens, além delas liderarem os negócios de pequeno porte, enquanto os homens predominam nos empreendimentos maiores (SEBRAE, 2017). Portanto, as mulheres empreendem para conquistar independência financeira e por vezes para terem melhores condições de trabalho, mas ainda assim sofrem com a desigualdade de oportunidades e incentivo o que resulta em rendimentos mais baixos do que os empreendimentos masculinos. Assim, se elas possuem rendimentos mais baixos, diferença salarial e barreiras maiores para obter crédito financeiro, torna-se mais difícil a prosperidade desses empreendimentos ainda que a capacidade seja igual.

Nesse sentido, destaca-se que a abertura dos empreendimentos femininos são motivados principalmente pela necessidade de uma fonte de renda devido as condições apresentadas anteriormente (SEBRAE, 2017). A partir de 2014 os empreendimentos por necessidade aumentaram em todo território nacional, já que neste mesmo ano, correspondia a 29% e em 2017 aumentou para 40%, sendo que nesse período a taxa de desemprego no Brasil também aumentou (SEBRAE, 2019). Portanto, o empreendedorismo por necessidade aumenta no mesmo espaço de tempo que o desemprego. O empreendedorismo por necessidade é caracterizado pela abertura de um novo empreendimento devido a falta de emprego ou insatisfação com as condições atuais de trabalho, refletindo na prosperidade dessas novos negócios (NASSIF, 2009).

Assim, observa-se que o empreendimento de mulheres está aumentando juntamente com o empreendedorismo por necessidade. Esse contexto revela que essa nova condição de trabalho encontrada pelas mulheres empreendedoras pode continuar sendo precária uma vez que existem menos oportunidades para desenvolver o próprio negócio devido as condições desiguais anteriores. A estabilidade desses negócios gerados por necessidade apresenta-se como um grande desafio e que por sua vez revela a precariedade e desigualdade no mercado de trabalho para as mulheres.



Outro obstáculo vivenciado pelo empreendedorismo feminino, bem como pelo mundo todo, é a atual situação de pandemia causada pela propagação do novo coronavírus. De acordo com dados levantados pela *startup* de gestão empresarial Chys, cerca de 78% das pequenas empresas terão seu faturamento reduzido a 30% pelo atual momento e uma porcentagem de apenas 15% está preparada para lidar com esta eventualidade (ESTEVANS, 2020). Assim, diversas empreendedoras tiveram seus rendimentos parcialmente reduzidos ou até anulados nesse novo cenário.

Algumas empreendedoras precisaram inovar no seu modo de trabalhar e outras lucraram com a pandemia. Essas mulheres se adaptaram a essa nova realidade como é o caso do grupo de apoio online entre as empreendedoras por meio do TEAR (Rede de iniciativas femininas) em que possui um conjunto diverso de empreendedoras. Nesse conjunto estão aquelas que lucraram com a situação, as que precisaram de reinventar e as que perderam parcialmente ou até toda a sua forma de renda. Desse modo, essa rede de apoio se apresenta como um espaço em comum para o diálogo e debate de ideias a fim de combater os desafios estabelecidos pelo contexto presente e pensar em questões que favoreçam um futuro próspero a todas (ESTEVANS, 2020).

Dessa forma, esse trabalho ressalta a importância de analisar os dados sobre o empreendedorismo feito por mulheres em conjunto com o cenário sociopolítico do país para que seja possível entender o motivo das desigualdades no mercado de trabalho ainda permanecerem e também observar o motivo de grande parte desses empreendimentos não se desenvolverem ainda que tenham potencial. Contudo, a limitação de pesquisas com dados recentes prejudicam uma análise mais aprofundada sobre o tema.

## Conclusão

Portanto, é possível constatar que a partir da década de 1960, com os avanços sociais, a mulher começou a se firmar no mercado de trabalho e desde então se consolidou nas diferentes áreas. No entanto, as desigualdades entre homens e mulheres perpetuam até os dias atuais fazendo com que muitas mulheres se transformem em empreendedoras por essa necessidade de mudança. A consequência desse processo é que embora haja a independência feminina no empreendedorismo, ainda existem barreiras de gênero a serem superadas revelando a outra face do empreendedorismo feminino. Por outro lado, diante de todas as barreiras as mulheres continuam criando redes de apoio e luta para se estabelecerem e conquistarem mais espaço como no exemplo dessas redes criadas durante o isolamento social.

## Referências



ESTEVANS, Gabrielle. **Coronavírus e o impacto nos negócios de mulheres empreendedoras.** Hypiness. Disponível em: <[www.ypiness.com.br/2020/04/coronavirus-e-o-impacto-nos-negócios-das-mulheres-empreendedoras.](http://www.ypiness.com.br/2020/04/coronavirus-e-o-impacto-nos-negócios-das-mulheres-empreendedoras.)> Acesso em 12 jul 2020.

FRANCO, M. M. S. **Empreendedorismo Feminino:** Características Empreendedoras das Mulheres na Gestão das Micro e Pequenas Empresas. VIII EGEPE, 2014.

FREITAS, Tainá. **Mulheres empreendedoras ascendem mas falta confiança(dos outros).** Start se. 2018 <<https://www.startse.com/noticia/empreendedores/mulheres-empreendedoras-empreendedorismo-feminino>> Acesso em: 06 mar 2020.

Kafruni, Simone. **Em três anos, empreendedorismo feminino passou de 18% para 25% do total.** Correio Braziliense, Brasília 9 de março de 2020. Disponível em:<<https://www.correiobraziliense.com.br/em-três-anos-empreendedorismo-feminino-passou-de-18-para-25-do-total>> Acesso em 09/03/2020

MAIA, Katy; LIRA, Sachiko Araki. **A mulher no mercado de trabalho.** IPEA. Disponível em:<[www.ipea.gov.br/seminários/artigo11](http://www.ipea.gov.br/seminários/artigo11)>. Acesso em 11 jul 2020.

NASSIF, V. M. J. GHOBIL, A. N. AMARAL. D. J. de. Empreendedorismo por necessidade: o desemprego como impulsionador da criação de novos negócios no Brasil. **Pensamento e Realidade**, São Paulo, Ano XII, v. 24, n. 1, 2009.

SEBRAE. Unidade de Gestão Estratégica do Sebrae Nacional. Relatório Especial - **Empreendedorismo feminino no Brasil.** 2019.

SEBRAE. Unidade de Gestão Estratégica do Sebrae Nacional. Relatório Executivo 2017 - **Empreendedorismo no Brasil.** Global Entrepreneurship Monitor. 2017.